

PERCURSOS

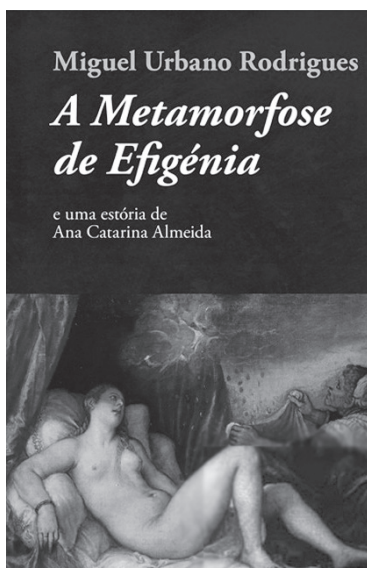
ATENEU DE COIMBRA | DEZEMBRO 2015

75 ANOS





RECENSÕES CRÍTICAS



A Metamorfose de Efigénia,

Miguel Urbano Rodrigues

um livro de estórias com personagens reais

Com pouco mais de, apenas, doze meses passados sobre a publicação do seu último livro – a cativante mas não menos inquietante *Meditação Descontínua sobre o Envelhecimento* (2009), Miguel Urbano Rodrigues viu publicada *A Metamorfose de Efigénia*, tal como aquela, sob a chancela da “Calendário”, constituindo talvez já o quadragésimo título desta relativamente jovem editora. A apresentação pública, que se baseou neste texto, decorreu a 8 de Junho de 2010, em Coimbra, na Casa Municipal da Cultura.

O livro que Miguel Urbano Rodrigues escreveu e que tive o grato prazer de apresentar reúne, como informa logo no início quando se dirige ao leitor, cinco perfis e treze estórias, uma delas escrita por Ana Catarina Almeida. Com cerca de 215 páginas, em formato ideal, tem ainda a enorme vantagem de o seu peso não atingir os 300 gramas. A leitura discorre sem qualquer esforço porque fixada em palavras com letras de corpo adequadamente escolhido. Além disso, não menos atractivo é o facto de, tratando-se de estórias, pequenos contos, perfis, ou seja, de textos curtos e independentes entre si, oferecerem total compatibilidade com o pouco tempo de que hoje se dispõe, tempo em regra descontínuo e fraccionado, que afasta a leitura de longos e enredados romances. Na capa foi reproduzida a pintura de Ticiano, *Danae* (1554), a bela princesa filha do rei Argos, fecundada por Zeus sob a forma de uma chuva de pepitas de ouro, que podemos contemplar na sala que o Museu do Prado dedica àquele pintor renascentista.

Quando fui convidada para fazer a apresentação de um livro de Miguel Urbano Rodrigues fiquei sem saber o que fazer. No imediato, a minha reacção defensiva alegou desculpas baseadas na quantidade exacerbada de trabalho cruzado que tinha entre mãos, o que era boa verdade: aulas em número de horas bem superior ao que a lei determina, muitos testes e trabalhos para corrigir, alunos para acompanhar, artigos na secretária por terminar com prazos de entrega já esgotados, muitas reuniões cuja utilidade é, em boa parte, discutível, tudo isto no quadro actual que, entretanto, se agravou, de profunda degradação das condições de trabalho

das Universidades portuguesas.

Mas a verdade, verdadeira, do estado de apreensão que então me dominou, prendia-se mais com o receio que seria o de tecer públicas considerações sobre um livro cuja temática, conteúdos e género literário escapavam à minha formação profissional.

Por outro lado, o autor, sendo um Homem muito interessante e que admirava de há muito, não deixava de ser de alguma forma um quase desconhecido, com quem falara apenas duas ou três vezes. É certo que conhecia bem o seu invejável percurso e lera alguns dos seus livros, mas só alguns. Claro que, no fundo, o desafio agradou-me desde início e, recusá-lo, mesmo com justificados motivos, seria arrependimento mais que certo.

Estando muito longe de ser especialista em literatura ou em análise e crítica literárias, sou, como dizia, grande admiradora da escrita e do autor de *Alva* – perturbador e envolvente romance, mas nem por isso menos realista, dado ao prelo em 2001 –, motivo que releva, talvez, a ousadia das linhas que escrevo.

Não sei com rigor em que género literário se insere a *Metamorfose de Efigénia*. Tal também não parece ser muito necessário para dele se desfrutar uma estimulante leitura, que ora nos diverte com o caricato ou ridículo de certas personagens – por ex., Gumercinda, a professora de matemática que, em visita a Veneza, e acreditando que o quarto do hotel onde dormia pertencera a Marco Pólo, aproveitou, tão-só, para escrever postais a familiares e amigos, e nem a todos, porque esgotou o *stock* –, leitura que ora nos surpreende com situações inimagináveis e que mal entendemos com os nossos olhos de ocidentais – como a estória de Ema Solorzano, hondurenha, que, embora bígama, só casou uma vez –, leitura que nos deixa ainda igualmente indefesos perante a capacidade de pequenos gestos ou atitudes poderem tão bem espelhar a dinâmica social, cujo entendimento nem sempre se nos revela no imediato. Miguel e a sua companheira Zillah Branco perceberam-no quando conheceram Júlia, a tradutora russa que, no verão de 89, num quadro de “ruína e de desmoronamento de um socialismo deformado”, não percebia o interesse de Miguel pelas notícias do telejornal quando, à mesma hora, num outro canal, passava um filme da série de ‘Crocodilo Dundee’. O que então se passava, passava-lhe seguramente ao lado, pois a indignação de Júlia resumia-se, justamente, à falta de clubes do ‘Crocodilo Dundee’ como os existentes por todo o lado nos EUA.

A Metamorfose de Efigénia é, estou certa, um livro que proporcionará uma leitura muito agradável, mas também, sem deixar de o ser, de aprendizagem

e, por isso, tão enriquecedora. Com a sua leitura, recordei acontecimentos esquecidos e confrontei-me com outros que desconhecia ou a que nunca tinha dado grande atenção. Encontrei personagens de referência imediata, mas verifiquei que nem todos os nomes me eram familiares. Senti-me, por vezes, perante tanta informação, desconfortavelmente ignorante, sentimento que, porém, alguma utilidade teve, porque me consciencializou e me remeteu à minha justa dimensão.

Assim, só numa análise precipitada poderia dizer que este é um livro de meras *estórias* a que se associa um conjunto de perfis que evocam cinco homens admirados por Miguel Urbano, de que falarei mais adiante. Sendo certo que assim é, não menos verdade é que nele também nos cruzamos com a *História* contemporânea, já que somos conduzidos a episódios das últimas décadas, da política internacional e nacional, ou nos confrontamos com alguns dos agentes históricos de referência com quem Miguel Urbano Rodrigues se cruzou no seu périplo internacionalista.

Mas entre as *estórias* contadas, na sua quase totalidade decorrentes de situações verídicas, portanto, com personagens reais – como poderia ser qualquer um de nós –, e a *História* de que se fazem eco as palavras e as acções de algumas daquelas outras, isto é, históricas, porque activamente intervenientes na sociedade, uma terceira história, ou antes, fragmentos dela, perpassam no desfolhar das páginas do livro: a cultura e a grande riqueza experiencial da mundividência do autor, a que não são alheios nem o profundo conhecimento do *Outro*, da sua experiência e do entendimento das suas diferenças, que a sua profissão de jornalista (entre outros, foi editorialista de *O Estado de S. Paulo*, chefe de redacção do *Avante!*, director de *O Diário*) em boa parte lhe proporcionou, nem o comprometimento social e político, como comunista, que a sua sólida formação humana e ideológica autorizam. Destas duas facetas, temperadas por invulgar sensibilidade que só assiste a escritores capazes de revelarem, sem constrangimentos, o seu lado feminino, resulta uma obra profundamente humana, sobre seres humanos, com seus sentimentos, suas acções, suas opções, suas entregas, suas contradições, ou seja, sobre a Vida. Eis a matriz fundadora e unificadora que encontrei neste livro.

Um livro que nos faz percorrer mundo – boa parte do mundo percorrido por Miguel (nascido em 1925), na vida e na imaginação – levando-nos a Veneza, Kabul, Havana, Berlim, Viña del Mar, Paris, Macau, Lisboa, Beirute, Kursk, etc., onde as personagens desfilam, se revelam e interagem com o narrador. Portanto, um livro também, se assim me posso expressar, de “geografia humana” ancorado em memórias, confidências e vivências.

Numa escrita de grande proximidade com o leitor, o comum dos leitores, Miguel Urbano Rodrigues, como narrador de doze das treze estórias desta obra, constrói personagens, sem as inventar, e monta cenários, que se confundem com a realidade.

Só se permite à livre imaginação quando cria Florzinha, a menina da estória decorrida em Serpa. É num dos seus mil e um passados, por volta de 1600, quando se combatia pela recuperação da independência – ingente e hodierna preocupação, embora com características bem díspares – que decorre a história, singela, de Flor, muito adequada, creio, a ser contada a uma criança, talvez como Mariana, a quem a estória é dedicada.

Bem real e constante na memória de Miguel, mas mesmo assim tão distante, porque nunca conhecida, é Vena, a mulher revelada por José Pérez, um amigo chileno, em conversa de densidade equivalente à tempestade de neve que os retivera durante horas no barracão do aeroporto de Gander, na Terra Nova. E entre variadíssimos assuntos cimentados pela proximidade ideológica, foi também do tema do ‘homem novo’ que falaram. Do homem e da mulher, como Vena, nascida por meados de 40, após a Guerra, em Mached, no Irão, mas crescida no Chile, em Valparaíso, onde se fez comunista. Da excepcionalidade e perfeição do seu carácter, a ponto de a “desumanizar”, só levanto o véu para vos dizer que, entre a fome e o mercado negro, Vena optava pelos seus princípios.

O relato desta estória é tanto mais forte porquanto lhe sucede uma outra pautada por características em tudo distintas, desde logo por decorrer no ambiente festivo e ligeiro de um *reveillon*, onde tem a palavra Demétrio, psicanalista, cujas confidências sobre Amaranta, e a sua coxa, antes o colocam no sofá dos seus pacientes do que na pele da profissão que exerce. Entre a incapacidade de produzir um discurso articulado e a imaginação, Demétrio reencontra-se com uma realidade que “desafiava o fantástico”, conduzido por Amaranta, “a dos olhos violeta e cabelos cor de fogo”.

Este livro também nos lembra que na teia das cumplicidades humanas há lugar para outros sentimentos que não se enquadram, ou não se confinam, aos estereótipos do amor, da paixão, do sexo, da amizade, da admiração. Se recorro a esta tipificação, talvez por deficiência profissional, não sei como designar o que, envolvendo sedução mas não se limitando a ela, se manifesta em situações de encontro e de excepção, fomentando ambientes que se tornam breves e irrepetíveis, e de difícil entendimento também. Mas para quê querer compreender o que carece de explicação? Creio bem que é essa a atmosfera das 24 horas de Helga e Frederico passadas em Berlim, entre o hotel e o Museu de Pérgamo.

Nesta estória, o espaço que o autor dedica ao fantástico museu, onde o visitante se sente esmagado entre a babilônica ‘Porta de Ishtar’ e o ‘Friso do Altar de Pérgamo’, revela o seu gosto e profundo conhecimento pela História de povos e civilizações antigas, que também evoca na estória de Efigénia, e que me fizeram invejá-lo quando li, em finais dos anos noventa, *Nómadas e Sedentários na Ásia Central*, livro que, mesmo não sendo científico nem académico, como o autor faz questão de sublinhar, é digno de referência na bibliografia a indicar a qualquer estudante ou investigador universitário que se interesse pelo tema.

O apelo do exótico subjaz na estória de Li Tang de Albergaria, nome inacreditável da sensual guia turística macaense que enfeitiça o bem casado Adalberto, desde a infância interessado pela China. Jornalista, vê cumprido o seu sonho quando se desloca em trabalho ao Oriente e se deslumbra. Esses dias não poderiam ter corrido melhor, até porque planos futuros a dois tinham sido devidamente sancionados pela “adiposa prima” de Li Tang, que permite a sua partida. Mas na nova vida em Lisboa, algum tempo depois, tudo começa a correr mal e Li Tang acaba por voltar. Viajando no mesmo navio em que também ia o Cardeal Patriarca de Lisboa, acabará por revelar devoção especial por uma Virgem vietnamita, mas dará igualmente provas da sua capacidade como gestora de um casino.

Nas estórias narradas neste livro, Miguel Urbano Rodrigues não esquece a saga de ucranianos e moldavos vítimas da fase pós-Perestroika. Serguei Papadopoulos, porque filho de grego, tornou-se Cesare Bertinotti Magri quando comprou nova identidade recorrendo a máfias russas e trocou a situação de desempregado da antiga fábrica pela ilusão que o levaria, pensara ele, sem atropelos, aos Estados Unidos. Mas após a detenção no Reino Unido e a aprendizagem do inglês, regressa e passa a residir em Kursk, lugar onde se travara importante batalha da última guerra, tornando-se guia turístico. Percebendo rapidamente que, adaptando o discurso consoante a nacionalidade dos visitantes compensaria o seu baixo salário com chorudas gorjetas, encontrou igualmente na generalizada ignorância dos turistas americanos o espaço para soltar a imaginação. E eles acreditavam... A perseguição do sonho americano não o abandona. Com nova identidade e novo passaporte chega, por fim, instalando-se, conhecendo então sucessivas profissões e o sentimento, que não mais o abandonará, de que, afinal, tudo aquilo o fazia sentir-se num teatro.

Bem real é a história que encontramos na estória “De herói a traidor”. Trata da transfiguração por que passou Facundo Guardado, desde os tempos de dirigente da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional,

até à sua traição quando se deixou contaminar pela “ofensiva ideológica do imperialismo” e lhe caiu a máscara. Rebeca, nome de guerra, sua antiga companheira e comandante famosa daquela Frente, e Schafik Handal, ex-secretário-geral do Partido Comunista de El Salvador, são os interlocutores que ajudam Miguel e agora os seus leitores a entender, ou tão-só, a conhecer a trajetória de um homem que entrou na galeria dos pérfidos.

Antecede esta estória a que dá nome ao livro. “A Metamorfose de Efigénia” é uma divertida estória que nos fala de uma mulher literariamente muito culta, das suas absurdas fantasias e da forma como elas a transformaram. Maurício, o marido, que vivia para os cavalos, de início não se inibiu em alimentar tais fantasias, pois revelavam-lhe uma mulher desconhecida, “vulcânica”, se bem que de “comportamento extravagante”, em palavras suas. Os verdadeiros problemas surgiram, porém, quando passou ela a tomar a dianteira nesses episódios de sexo virtual, convocando para a cama de ambos quem bem entendia. E por lá passaram, entre outros, o poeta peruano César Vallejo, o escritor e filósofo Jean Paul Sartre, a feminista e também escritora Simone de Beauvoir – esta proporcionando uma experiência inédita –, e outros, como Dom Quixote de la Mancha, neste caso, ao que parece, um verdadeiro desastre. Efigénia não ousou ir tão longe com Camões, que venerava, mas chegou a pensar em *Danae*, o que muito perturbou Maurício já que no seu universo o nome da princesa da mitologia grega consubstanciava-se numa “maravilhosa égua italiana” há muito falecida. O desfecho de toda esta bizarra situação era previsível e Chico Buarque, ao tornar-se também amante virtual, e além do mais permanente, foi responsável pela ruptura definitiva.

Deixei para o fim duas estórias de amor, “Aisha”, ainda de Miguel Urbano Rodrigues e “Anos roubados”, de Ana Catarina Almeida. O enredo, as situações, os comportamentos das personagens e o epílogo de ambas as estórias é bem distinto.

Na primeira sublinharia a dignidade da personagem feminina, libanesa, quando se deu conta de que todas as hipóteses da intensa relação de amor com Pierre, judeu afrancesado, haviam expirado. Por coincidência, relia este livro, de onde tirava algumas notas que me ajudassem na sua apresentação, no momento em que ouvi pela rádio a notícia do último acto de terrorismo protagonizado por Israel ao atacar, e matar, em águas internacionais. Com esta notícia, percebi ainda melhor Aisha quando se obrigou a optar, a romper e a não desejar o filho que ainda não nascera.

O título que Ana Catarina Almeida escolheu para a sua estória não poderia ser mais apropriado. Em “Anos roubados”, confrontamo-nos com o

encontro, o desencontro, a resistência, mas também a esperança de Leila e Antônio. Ambos estudantes na URSS, vindos respectivamente da Síria e de Portugal, enamoram-se e tornam-se pais, mas vêm-se desde início pressionados por familiares dela, muçulmana. Em Damasco, de visita à família, para matar saudades e informar do nascimento de Safia, Leila não voltará, sendo literalmente sequestrada pelo pai e irmãos, sujeita à mais sofisticada das violências, a silenciosa, a que não deixa marcas visíveis, a que não é boçal, a que não se exerce na praça pública. Passarão dezoito anos... Lereis depois o quanto se pode ganhar mesmo com anos perdidos.

Para uma completa visão, faltam ainda os perfis descritos e interpretados por Miguel Urbano Rodrigues, de que faço um breve apontamento.

Correspondem a cinco homens cuja atitude, ação, coerência ou dimensão intelectual justificam a sua eleição. Três portugueses: João Honrado, não só “o mais alentejano dos alentejanos”, mas também “um mosqueteiro da Revolução”; Carlos Lopes Pereira, “um internacionalista” e “segundo mosqueteiro comunista”; Alex, ou antes, Alexandre Pereira, “um revolucionário atípico”, também comunista, que sorriu e confiou até ao fim. E dois intelectuais franceses de renome mundial: Henri Alleg, sem epíteto, mas que bem poderia ter o do “revolucionário perfeito”, mesmo sabendo-se que não existem revolucionários perfeitos. George Labica, também sem epíteto, mas que Miguel não consegue dissociar da “lenta caminhada em defesa da humanidade, democracia e revolução”. Se o primeiro, autor de *La Quéstion* e de *La Guerre d’Algérie*, se transformou “num sentido oposto ao imaginado pelos seus carcereiros”, o segundo, filósofo marxista, autor da *Théorie de la Violence*, afirmou um dia: “Deixei o Partido [PCF] para continuar comunista”.

Esta moldura masculina de personalidades evocadas destoa, de alguma forma, do universo da escrita de Miguel Urbano Rodrigues, deste e de outros livros, onde, sem dúvida, tem primazia o género feminino. Desde logo nos próprios títulos dos seus romances – *Alva* (que já antes referi) e *Etna no vendaval da Perestroika* (este escrito em co-autoria com Ana Catarina) –, e depois no rosário infundável de personagens construídas, inventadas e reais, que tanto nos trazem Dona Guilhermina, a professora que ensinou Miguel e o irmão, Urbano Tavares Rodrigues – a quem este livro é dedicado –, a ler e a escrever, como nos conduzem às mulheres, sem nome, dos sertões ou às guerrilheiras das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Mas daquele facto, mera casualidade, ou dessa escolha masculina conscientemente assumida para os perfis, só Miguel Urbano Rodrigues nos poderá esclarecer.

Quanto aos leitores, espero que possam saborear este livro com o mesmo deleite, divertimento e aprendizagem com que o fiz, saindo dele com a convicção, ainda mais forte, de que vale a pena continuar a 'Aventura humana'.

Coimbra, Junho de 2010, revisto em Setembro de 2015

Raquel Vilaça